



Cozinha da Tia Nelí

Lanche de Sardinha



Ingredientes

Massa

1 xícara de leite
1 pote de coalhada ou iogurte natural
1/2 cebola pequena picada
3 ovos grandes
1/2 xícara de óleo
1/2 xícara de azeite
2 xícaras de farinha de trigo
2 colheres de (sopa) queijo parmesão ralado (Boa Nata, Vigor ou Regina)
Sal a gosto (+ ou - 1 colher de sobremesa)
1 colher de (sobremesa) fermento em pó.

Recheio

2 latas de sardinha em molho de tomate
2 tomates em cubinhos
1 cebola média em cubos
1 dente de alho picadinho
1 colher (sopa) salsinha
1/2 pimentão verde
orégano, sal e pimenta do reino a gosto
Misturar os ingredientes para depois espalhar sobre a massa.
Requeijão Catupiry culinário para decorar.

Modo de Fazer

Bater todos os ingredientes líquidos no liquidificador e depois os sólidos, sendo o fermento, por último. Untar com margarina uma forma e polvilhar farinha de trigo, colocar a massa, por cima o recheio e decorar com o catupiry. Levar ao forno pré-aquecido médio até aumentar de tamanho e ao enfiar um palito de madeira e sair seco.

Observação: O recheio fica a critério de quem for fazer a receita. Quase sempre prefiro a sardinha em lata por ser rica em ômega, que fazem bem a saúde.



O Papel da Cana-de-Açúcar na Economia Brasileira

Letícia Ribeiro Leite
Estudante de Tecnologia em Agroindústria
Instagram @leticiatecnutri01

O Brasil lidera o ranking de maior produtor de cana-de-açúcar do mundo e isso tem impactos em toda cadeia econômica brasileira, incluindo os setores de: agropecuária, agroindústria e produção de combustíveis renováveis.

A cana-de-açúcar serve como suplementação nutricional, principalmente para animais ruminantes na época de seca, já que nesses períodos ocorre escassez de pastagens. No entanto, é necessário que haja um planejamento antes da plantação, já que a variedade a ser plantada depende da aplicação desejada, por exemplo, no caso da cana direcionada a alimentação animal, utiliza-se uma variedade com ciclo de produção intermediário, para que seja possível obter uma quantidade adequada de fibras digestíveis.

Já no setor agroindustrial, a cana-de-açúcar é ainda mais explorada, pois serve de matéria-prima para dois produtos de nível mundial: açúcar e álcool, já que o açúcar, além de intensificar o sabor dos produtos, auxilia na obtenção de uma textura agradável e ainda melhora as demais caracte-



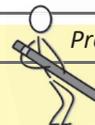
terísticas sensoriais do produto. E o álcool é utilizado em bebidas alcoólicas, na obtenção de produtos com ação desinfetante e antisséptica e na produção do próprio etanol que é um combustível renovável.

Além de todas essas informações, a cana-de-açúcar é a base da bebida alcoólica de origem brasileira, a aguardente de cana, popularmente chamada de cachaça ou caninha.

Diante disso, fica visível o impacto dessa matéria-prima vegetal na economia nacional e internacional.



Professora Juliana Bernardo



Dicas para fazer redação

Regência verbal

Olá, queridos leitores, como vão? Nesta edição, falarei sobre regência verbal. Esse é um aspecto muito importante da Língua Portuguesa para uma escrita adequada e sem perda de pontos no quesito "norma culta". É um assunto extenso, mas mostrarei alguns casos relevantes. E o que é regência? É a relação, ou seja, a preposição pedida entre o verbo ou o nome (se ela for nominal) e o seu complemento. É possível saber a regência de um verbo realizando a pergunta a ele. É claro que o estudo faz-se necessário para não haver desvios. Alguns verbos têm mais de uma regência e outros possuem sentidos diferentes que determinarão qual a regência deverá ser atribuída. Pessoal, na Língua Portuguesa existem inúmeros verbos e eles possuem regências. Vejam alguns:

Acredito que Deus existe.

Acredito na existência de Deus.

O verbo acreditar admite mais de uma regência sem prejuízo de sentido.

A regência verbal dos verbos "esquecer" e "lembrar" ocorre da seguinte forma:

Sem o uso do pronome oblíquo, eles serão transitivos diretos, ou seja, pedirão um complemento SEM preposição.

Esqueceu o casaco.

Lembrou o meu aniversário.

Com o uso do pronome oblíquo, eles serão transitivos indiretos, ou seja, pedirão complemento COM preposição.

Esqueceu-se do casaco.

Lembrou-se do meu aniversário.

Espero que essas dicas tenham aberto a mente de vocês para a dedicação dessa parte da Língua Portuguesa, a fim de manter uma excelente escrita! Até a próxima edição!

Marielle e Anderson: 4 anos sem justiça!

No dia 14 de março de 2022, o assassinato político de Marielle e Anderson completa 4 anos.

Por quanto tempo mais teremos que perguntar #QuemMandouMatarMarielle?

A equipe do Jornal Abaixo-Assinado, companheiras e companheiros de luta de Marielle Franco sentimos todos os dias sua ausência, mas não esqueceremos jamais seu legado e nem deixaremos de exigir respostas para que esse crime contra a democracia não seja esquecido jamais.

4 anos sem Marielle, 4 anos de luta incansável por justiça e por seu legado.

É preciso coragem para vencer o fascismo!

#FORABOLSONARO

As rosas da resistência nascem no asfalto. A gente recebe rosas, mas vamos estar com o punho cerrado falando de nossa existência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas.

Marielle Franco

EE PENSADOR



EXPEDIENTE

JORNAL ABAIXO ASSINADO JPA
O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC)

e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64

Para críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br
www.jaaajr.com.br - Tel (21) 97143-4821

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

Conselho Editorial: Aguinaldo Martins, Almir Paulo, Anna Karolina, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Humberto Peixoto, Ione Santana, Ivan Lima, Jane Nascimento, Letícia Ribeiro, Manoel Meirelles, Marcus Aguiar, Miguel Pinho, Paulo Silva, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberto Senna (Cabral), Severino Honorato, Silvia da Costa, Val Costa, Valmiria Guida, Vaneide Carmo e Wladimir Loureiro.

Coordenação Geral: Almir Paulo.

Arte e Diagramação: Jane Fonseca.

Gestora de Redes Sociais: Silvia da Costa

Site: Aguinaldo Martins

Instagram: Letícia Ribeiro

Facebook: Carla Scott

Comissão de Cultura: Anna Karolina e Cíntia Travassos

**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.



Com pesar, o Conselho Editorial do ‘Jornal Abaixo-Assinado’ comunica o falecimento de um dos seus membros fundadores: Manoel Meirelles Pinheiro

*26/8/1940 †18/3/2022

*Fica o exemplo do militante, do pai, do marido e do homem Meirelles!
O JAAJ será eternamente grato! Descanse em paz, companheiro!*

Em março de 2005 nasceu o Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá. Em março de 2022, faleceu Manoel Meirelles — nosso mais ilustre fundador e militante mais aguerrido na construção do jornal.

“A ‘família Abaixo-Assinado’ está mais triste. O nosso amado Meirelles faleceu e os progressistas do Rio de Janeiro perderam um homem íntegro, que sempre acreditou e lutou por uma sociedade mais justa e democrática. Que descanse em paz o nosso guerreiro. Prometemos manter a sua memória viva em cada palavra, em cada

texto e em cada página do nosso jornal”, expressou emocionado Val Costa.

Meirelles resistiu à pandemia. Ficou trancado em sua casa na Praça Seca, com a companheira inseparável Ione Santana, durante dois anos. Cuidaram-se e não foram contaminados pelo Covid. Entretanto, este ano, de fevereiro para cá, uma simples infecção urinária abalou a saúde de Meirelles. A partir dela, surgiram outras complicações, o que o levou a óbito no sábado, dia 19 de março de 2022.

“Certamente sua memória será preser-

vada e exaltada pelo JAAJ. Meirelles, presente!”, exclamou o jovem Marcus Vinicius.

Em dezembro de 2021, realizamos uma reunião do “Núcleo Duro”, na casa de Meirelles, para rascunhar as metas e os planos do jornal para 2022 a serem discutidos na primeira reunião presencial do Conselho Editorial do JAAJ. Aproveitamos aquela oportunidade para uma singela confraternização e quebrar o período de isolamento do casal Ione e Meirelles.

“Meus sentimentos para todos os amigos do jornal. Meirelles era um camarada fantástico... perda irreparável!”, salienta Miguel Pinho — da direção do SEPE.

Meirelles tinha história, uma vida de luta e resistência. Poeta, compositor, vendedor durante anos de bombas d’água, consultor de cooperativismo e aposentado da Siderúrgica de Volta Redonda. Trabalhou na Fundação Santa Cabrini e na Secretaria de Estado de Assuntos Fundiários e Assentamentos Humanos (Seaf), no governo Brizola. Militou durante anos no PDT e, em 2010, se filiou ao Psol.

“Estamos todos tristes com a partida de nosso querido amigo e companheiro de luta. Foi uma alegria imensa ter trabalhado com Meirelles na Seaf no Projeto Meu Pé de Chão, durante o governo Brizola, em 1993 e 1994”, frisa Edelvira Varela.

Contudo, o maior entusiasmo de Mei-



Dezembro 2021 foi a última reunião do jornal com a presença de Meirelles

relles era com o projeto de consolidação da Rede Popular de Comunicação (RDC) iniciado com o Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens. Fica a certeza de que a luta continua. Em breve voltaremos com o jornal impresso, sonhamos com o canal de TV, reorganização da editora. Enfim, vamos caminhando e seguindo a canção sem medo de ser feliz — diria Manoel Meirelles Pinheiro.

“É só perda! Primeiro foi o doutor Alfredo, depois Cabral e Zé Carlos e, agora, o Meirelles... além de muitos outros amigos e conhecidos que faleceram em 2020, 2021 e 2022. O falecimento de Meirelles é muito triste, porque ele representava a resistência na luta pela democracia. Que saudade! Continuaremos avançando no projeto do jornal popular para manter vivo o sonho de Meirelles e de todos nós”, diz emocionado Almir Paulo, da coordenação do JAAJ.



Confraternização de 2019 no play do condomínio do bravo Meirelles na Praça Seca

Na Edição de número 79 – março de 2015 (texto abaixo) Meirelles escrevia sobre o Dia Internacional da Mulher.

Um colunista atenado com as lutas populares.

Tinha coragem, tenacidade e força para defender suas ideias.



*Manoel Meirelles * Informes do JAAJ*

8 de Março:

Dia Internacional de Luta da Mulher
Nossas Homenagens
à Luta da Mulher Brasileira

• **3 em cada 5 mulheres jovens** já sofreram violência em relacionamentos, aponta pesquisa realizada pelo Instituto Avon em parceria com o Data Popular (novembro de 2014).



Nosso repúdio à violência contra a mulher

• **91% dos homens** dizem considerar que “bater em mulher é errado em qualquer situação”; **uma em cada cinco mulheres** considera já ter sofrido alguma vez “algum tipo de violência de parte de algum homem, conhecido ou desconhecido”; **o parceiro (marido ou namorado) é o responsável por mais de 80%** dos casos reportados.

• **77% das mulheres** que relatam viver em situação de violência sofrem agressões semanal ou diariamente. É o que revela o Balanço dos atendimentos realizados de janeiro a junho de 2014 pela Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180, da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR).

• Os dados mostram ainda que violência doméstica também atinge os filhos com frequência: em 64,50% os filhos presenciaram a violência e, em outros 17,73%, além de presenciar, também sofreram agressões.

• Entre os tipos de violência informados nos atendimentos realizados pelo Ligue 180, os mais recorrentes foram a violência física (15.541 relatos); seguida pela psicológica (9.849 relatos); moral (3.055 relatos); sexual (886 relatos) e a patrimonial (634 relatos).



Luiz Claudio Silva
Cofundador do
Museu das Remoções

Nessa matéria abordo o desrespeito que Maria da Penha, da Vila Autódromo (D. Penha, como é mais conhecida), viveu no Dia Internacional da Mulher no ano de 2016

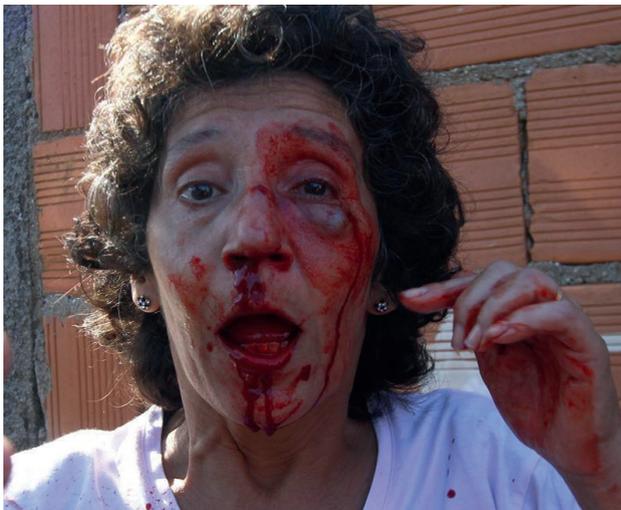
Nascida na Paraíba, mas morando desde os 7 anos no Rio de Janeiro, Dona Penha passou parte de sua infância, até a fase adulta, na favela da Rocinha, onde se casou e, aos 28 anos (em 1994), se mudou para a favela da Vila Autódromo, em Jacarepaguá, com sua família.

A Vila Autódromo recebeu seu primeiro Título de Posse em 1993 (no Programa Meu Pé de Chão), na gestão do governador Leonel Brizola, do PDT, que garantia permanência no território por 39 anos. Esse Título foi retificado, e outro foi concedido na gestão do governador Marcelo Alencar, do PDT, em 1997, garantindo o uso por 99 anos, podendo esse período ser prorrogado por mais 99 anos. Em 2005, a Vila Autódromo também conseguiu ser inserida na Aeis (Área de Especial Interesse Social), para fins de moradia popular, tornando-se uma comunidade totalmente consolidada por lei.



Móveis de D. Penha na Igreja

Mulher x direitos 'des'respeitados



Penha agredida e com nariz quebrado

Com o avanço imobiliário em torno da Vila Autódromo, o metro quadrado foi ficando mais caro na região, e a comunidade começou a ser vista como um estorvo. Assim, não demorou para que começassem as perseguições de remoção com argumentos infundados que não justificavam o desejo de políticos e empresários em querer remover a Vila. Foi preciso que os moradores se organizassem contra as investidas pesadas da Prefeitura, durante mais de vinte anos, nas gestões de Cesar Maia e Eduardo Paes. Apesar de as ameaças na época do Pan/2007 terem sido intensas, foi no período olímpico Rio/2016 que a Vila Autódromo mais sofreu, com ações covardes e truculentas por parte da Prefeitura, que ignorava totalmente os direitos adquiridos.

E eis que no período olímpico, quando a Vila Autódromo passava por seu pior momento contra as remoções forçadas, surge Dona Penha, com sua personalidade forte e com discursos potentes, exigindo que seus direitos fossem respeitados. Ela não se deixava levar por argumentos sem fundamentos, uma vez que suas alegações eram sempre pertinentes: "Nem todos têm um preço; as leis foram feitas para ser respeitadas; a terra devia ser partilhada e não



Casa de D. Penha sendo demolida no dia internacional da mulher.

vendida."

No dia 3 de junho de 2015, D. Penha teve seu nariz quebrado pela tropa de choque ao impedir uma remoção irregular. A Prefeitura ofereceu a ela uma quantia distinta, querendo comprar seus direitos, mas ela recusou, exigindo que todos fossem respeitados. Então, a Prefeitura, sem saber mais o que fazer para removê-la com sua família, encontrou um juiz para assinar, fora do expediente, uma liminar, que concedeu a demolição de sua casa no Dia Internacional da Mulher (8 de março de 2016). Entretanto, a Defensoria Pública apenas tomou conhecimento desse fato após a casa já ter sido demolida.

Mesmo assim, D. Penha não se entregou e não permitiu que levassem seus móveis para o depósito da Prefeitura, refugiando-se na Igreja Católica da Vila Autódromo com sua família. Ela continuou na luta, mais forte que nunca. As mídias alternativas e internacionais colaboraram, divulgando seu empenho por moradia e pelo território. Com os Jogos Olímpicos se aproximando, enfim, a Prefeitura se rendeu à persistência e à perseverança daquela mulher franzina por justiça, e ela e mais 19 famílias não sucumbiram e conseguiram vencer o sistema opressor.

Vila Autódromo está forte, continua resistindo e viva!



Ivan Lima

Moradores da Tirol, Timboçu e Guanambi estão indignados com a Iguá por causa da falta de água



Protesto dos moradores da rua Tirol e arredores na Freguesia

Os moradores das ruas Tirol, Timboçu, Guanambi e arredores, no bairro da Freguesia, estão revoltados com a falta d'água que já dura dois meses. As áreas mais elevadas, como a comunidade do Tirol e entorno, são mais afetadas.

Todo verão é a mesma coisa. As promessas são as mesmas há vários anos, mas nada acontece. Antes, a responsável era a Cedae, agora a conversa fiada é da nova concessionária, a Iguá.

Para pressionar a Iguá, os residentes destas localidades estão realizando manifestações e protestos pelas ruas do bairro e pelas mídias sociais.

"Os moradores já estão há um mês sem abastecimento de água no morro do Tirol e na rua Timboçu. Infelizmente, sem previsão de normalização. Vamos continuar mobilizados e pressionando a concessionária Iguá", frisa João Magalhães, presidente da Associação dos Moradores e Amigos da Freguesia (AMAF).

Segundo Magalhães, o pleito dos moradores consiste em investimentos de curto prazo, com melhorias na infraestrutura de toda a rede e a instalação de bombas mais potentes, e estudo técnico, para evitar a repetição do problema e imediata normalização da água na região.

Texto e foto: Boletim Teias das Pretas

Você conhece o JARDIM DAS ERVAS SAGRADAS?

A militância da iyalorixá e quilombola Luizinha Nanã



Jane Nascimento*

Jane Nascimento entrevista Luizinha de Nanã, Iyalorixá e Defensora de Direitos Humanos. Militante contra o racismo institucional, racismo religioso, racismo ambiental. Luta pelo incentivo à educação do povo negro e da mulher negra através de programas sócio ambientalistas e contra a poluição das águas, mangues e matas. Participante ativa na luta contra as expulsões realizadas pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, por ocasião das Olimpíadas do Rio de Janeiro 2016, que culminou na retirada violenta de cerca de 76.000 pessoas de suas moradias. Ex-Integrante do movimento Liberte Nosso Sagrado junto às instituições públicas. Primeira liderança condecorada com o Prêmio Dandara (2015), concedido pela ALERJ na atuação da defesa dos povos tradicionais e da Comenda Pedro Ernesto em relação aos Direitos Humanos (2015), conferido pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, nas defesas pelas violências ocorridas na Vila Autódromo durante as remoções nas Olimpíadas Rio 2016.

Apresentou relatório de denúncia a ONU em 2018, sobre violência, agressões e assassinatos contra templos e integrantes de religiões de matrizes afro-brasileiras no Brasil. Integrante do grupo ONU Mulheres. Luta em defesa dos Quilombos e povos das regiões das Vargens da baixada de Jacarepaguá, Área dos Alagados, através da Teia de Solidariedade Zona Oeste.

Tem garra como enfrentamento necessário para evoluir no que se empenha a proteger, *“tenho que ter vontade*

muito grande para contribuir na evolução de uma sociedade melhor, com menos racismo e preconceito. com mais respeito pela natureza e com o outro.” O fato das pessoas verem com naturalidade o estado de poluição dos rios, canais e mangue, e aceitarem a poluição como se fosse normal, foi o que chamou a atenção para a luta unido ao seu grande amor aos orixás.

Apresentou um abaixo assinado pela limpeza e retirada de entulhos de poluição na Av. Levy Neves na Brisa, recolheu 860 assinaturas, assim a COMLURB, limpou a rua. O Canal da Piaí costuma transbordar e invadir ruas e casas. Com a limpeza, ouve um escoamento melhor das águas, diminuindo o perigo de contaminação. Ela finaliza revelando como renova suas forças. *“Peço muita força aos meus orixás. Faço meditação e Reiki, agradeço a Olorun pelas redes de apoio que tenho encontrado.”*

O Jardim das Ervas Sagradas é um projeto de Educação Antirracista e socioambiental

A militância da iyalorixá e quilombola Luizinha Nanã Visa a socialização das comunidades de culturas afro-brasileiras com as ervas, que são sagradas por si só, independentemente de religião. As religiões de matriz afrobrasileira prezam estas ervas e a cultuam tendo nessas o motivo da dinâmica da vida.

O projeto pretende ir as escolas levando incentivo a construção de hortas, como também realizar um trabalho de assistência as mulheres negras, com terapias tradicionais e alternativas holísticas e na aplicação de administração de chás de ervas.



Meio Ambiente & Turismo Carla Scott - Ecologista

Desativação da Unidade de Tratamento do rio Arroio Fundo

O rio Arroio Fundo, em Jacarepaguá, vai perder a sua Unidade de Tratamento na região próxima ao bairro Cidade de Deus, na entrada da av. Ayrton Senna, na Barra da Tijuca. A gestão da Unidade foi transferida recentemente para a concessionária Igua, a partir do leilão da Cedae.

Após avaliações técnicas da concessionária, foi constatado que não há mais necessidade de manter a estação em atividade, o que irá interromper, a pedido do Ministério Público, a produção de Lodo,

que é um dos subprodutos desta Unidade. A estrutura atual, que no início era para ser temporária, já não comporta mais a quantidade de esgoto e dejetos que são despejados ao longo de todo o trajeto do rio. Será preciso realizar uma expansão em sua atual estrutura.

O novo contrato de concessão e saneamento inclui a revitalização do complexo lagunar de Jacarepaguá, ou seja, a coleta e o tratamento do esgoto, que deverá ser feito pela nova concessionária.



A ecobarreira existente no local não será desativada. Ela ajuda a impedir que os dejetos sólidos, como garrafas pets, móveis, entre outros objetos, cheguem até as lagoas e as praias. Esta coleta ficará sob a responsabilidade da Comlurb.

A atual concessionária promete investir

em obras de infraestrutura que irá ampliar a rede de esgoto de 62% para 90% no município.

Resta saber qual será o prazo para que essa nova estrutura seja construída no intuito de proteger os nossos rios tão degradados por todos os tipos de dejetos.

A procura do guiné-caboclo em Jacarepaguá

Marcelo Sant' Ana Lemos*

A partir da abertura dos portos para as nações amigas, por Dom João VI, em 1808, diversos estrangeiros puderam finalmente conhecer o Brasil. Entre eles comerciantes, geólogos, militares, capitalistas e naturalistas, que vieram para o nosso país, seja para morar ou visitar. Os naturalistas foram sem dúvida nenhuma os mais entusiasmados com a novidade, pois há muito desejavam conhecer a natureza brasileira, da qual antes não tinham acesso por ser proibido para os estrangeiros conhecerem o nosso país pelos cuidados e receios que tinha o império português com a sua principal colônia.

A derrota de Napoleão na Europa, em 1816, mudou o mapa da Europa e das alianças naquele continente. O casamento do príncipe Dom Pedro I com a princesa Dona Leopoldina, da família de Habsburgo, da Áustria, em 1817, estava inserido no contexto do Congresso de Viena (que redefiniu a nova Europa pós-napoleônica), e das alianças ali formadas, unindo assim duas casas imperiais que tinham vínculos de parentesco, para o fortalecimento de ambas.

Dona Leopoldina casou por procuração em 13 de maio de 1817, em Viena, e só veio a conhecer o seu marido em 4 de novembro do mesmo ano, após uma viagem de 85 dias, na qual vieram em seu séquito diversos cientistas e pintores distribuídos em duas fragatas: a Áustria e a Augusta. Nessas fragatas vinham equipamentos científicos, material de pintura, produtos comerciais austríacos, além dos móveis e a decoração da embaixada da Áustria, recém instalada no Rio de Janeiro.

Além da comitiva de cientistas austríacos, por conta do parentesco do imperador austríaco, Francisco I, com o rei da Baviera, Maximiliano José I, foi incluída nesta expedição científica uma pequena comitiva de bávaros, chefiadas pelo zoólogo Spix e o botânico Martius.

Martius foi o autor/colaborador/organizador de um dos mais famosos livros de botânica do mundo: a Flora Brasiliensis, que foi fruto não só dessa viagem de três anos ao Brasil (1817-1820), mas também da dedicação dele, o resto de sua vida, para a descrição das espécies coletadas no país e para a escrita dessa obra monumental de 15 volumes. Para se ter a dimensão da obra ela começou a ser escrita em 1839 e terminou em 1906, depois da morte de Martius, envolvendo 60 autores, além do financiamento parcial da obra pelo imperador D. Pedro II.

Entre as 22.767 espécies botânicas descritas no Flora Brasiliensis está a *Annona acutiflora* Mart.:

13. ANNONA ACUTIFLORA † arborescens aut fruticosa mediocri; ramulis foliisque novellis subtus praemarginatis et nervo ferrugineo-nervatis; foliis oblongis acrotolato-oblongis, basi acutiusculis, acuminatis aut cuspidatis, basi tenuiter (lateralibus) bracteolatis calyce parvis exterioribus ovalis longe acuminatis etiam ferrugineo-virescentibus duplo minoribus acutis; bacca ovato-conica.

Flora Brasiliensis, volume XIII, parte 1, p.10 – Annona acutiflora

Essa espécie é nativa do Brasil, dos ambientes florestais da mata atlântica e da restinga, ocorrendo no sul da Bahia, no Espírito Santo e no Rio de Janeiro, onde Martius obteve de outros botânicos amostras que levou para a Europa.

Cresce em sítios úmidos e em sítios de Can-epomú dicta, loca humidiora. Sebastianopolitane, s. p. prope Tijuca: Schott; — prope Campinho: M. J. — nec non prope Lagoa de Freitas: Eusebio. Florul. et fructificat. Sept. — Fabr.

No extrato acima referente ao livro Flora Brasiliensis, volume XIII, parte 1, p.10 tem a indicação dos locais de coleta da espécie guiné-caboclo: Tijuca, Campinho e Lagoa Rodrigo de Freitas.

A Baixada de Jacarepaguá, tanto nas áreas de restinga como de floresta, era local de ocorrência dessa planta conhecida popularmente com os nomes de guiné-caboclo, rai-de-guiné, guiné, pau-de-guiné, araticum-guiné ou guiné-preto.

O farmacêutico alemão Theodor Peckolt, que viveu no

Brasil, desde 1847 até a sua morte em 1912, analisou esta planta e sua relação com os povos indígenas e afrodescendentes.

No seu livro “História das plantas úteis e medicinais do Brasil”, escrito com seu filho Gustav Peckolt ele assim descreve a planta:

“O guiné é um arbusto que alcança geralmente de 3 a 5m de altura. Cresce um tanto inclinado, apoiando-se às vezes sobre as outras árvores. Tem o caule roliço, de 8cm de diâmetro; a casca delgada, de cor pardo escura; a entrecasca alaranjada; e os ramos, muito flexíveis, coloridos mais ou menos de preto, com pequenos pontos da mesma cor. As folhas são alternas oblongas ou lanceoladas, agudas, um tanto afiladas na base, finas, flexíveis, de 13cm de comprimento, de 5 de diâmetro na parte mediana, coloridas de verde claro, lustrosas na parte superior, de um verde mais pálido na inferior, as nervuras salientes, (...)”.

Depois descreve o fruto:

“O fruto é uma grande baga composta, oval piramidal, com auréolas pouco pronunciadas, escassamente cerdosas, tendo uma polpa branca, suculenta, que envolve muitas sementes luzidias, coloridas de pardo escuro. Esses frutos muito se parecem com os do araticum: são muitos menores, porém, e mais compridos”



Fruto da Guiné- imagem da internet

E descreve então a relação da planta com os povos indígenas, com os africanos e seus descendentes que moravam no Rio de Janeiro, na época capital do Brasil. O texto é do século XIX, e o autor, homem de seu tempo, carregava os preconceitos e o racismo da época:

“O Guiné é uma das plantas mais comuns e conhecidas na Capital Federal, crescendo em todos os seus arredores, principalmente nas matas do Corcovado, Trapicheiro, Tijuca, Cascadura, etc.(...). A polpa do fruto maduro é branca, de sabor desagradável e adocicado, provocando náuseas e cólicas, e tendo ação drástica. Os indígenas comem o fruto depois de assado sobre brasas. Os curandeiros empregam uma cataplasma, feita com a polpa do fruto maduro e farinha de mandioca, para curativo das feridas crônicas, chamadas formigueiros.(...). O cozimento das folhas e ramos novos é usado em banhos quentes na fraqueza e moleza do corpo, principalmente nas constipações e na debilidade dos nervos.

A casca fresca em infusão fraca é usada, internamente, para combater as constipações, e tirar as dores do corpo nos casos de resfriado, não se devendo abusar deste medicamento, porque excita muito os nervos. O Guiné é considerado pelos vendedores de ervas como um afrodisíaco de primeira ordem. A tintura feita com as cascas frescas e aguardente é empregada pelo povo para combater os resfriados, na dose de 1 a 2 colheres por dia, e também serve para curar as tosses rebeldes. Fazendo ferver as cascas frescas com banha até as mesmas secarem, coando e deixando arrefecer, obtém-se uma pomada conhecida por Banha de Guiné, que é muito preconizada para combater as dores reumáticas e as paralisias, em frições quentes três vezes ao dia.

A madeira da árvore é branca, e é muito procurada para

o fabrico de pequenas mãos (figas) que representam um talismã contra os malefícios. Um grande número de pessoas, (...), trazem este amuleto(...). Dentre as pessoas de pouca instrução, é comum encontrar-se no seu negócio, dependurado num dos armários, um destes amuletos de grandes dimensões. O Guiné é muito usado entre os curandeiros e charlatões como arma poderosa para tirar todos os malefícios do corpo, e também para dar tudo quanto se deseja de bom ou de mau. Dizem os crentes que o Guiné colhido na Sexta-feira da Paixão, e bento, serve para castigar os inimigos: para esse fim fazem, com as suas hastes, pequenas varas ou bengalas, as quais servem para sovar as pessoas, tornando-as secas e entiscadas. O Guiné é gênero de grande comércio entre os curandeiros na Semana Santa, e é vendido à porta das igrejas, com especialidade na Sexta-feira da Paixão. O uso do Guiné foi apregoado pelos antigos africanos, principalmente pelos oriundos daquelas paragens, as quais com certeza empregavam em sua terra natal, para os mesmos fins, planta semelhante ou parecida; dizem eles que para tirar mau olhado, inveja ou outro qualquer feitiço, nada melhor que tomar banhos com o cozimento das cascas, e esfregar todo o corpo com o mesmo cozimento. O chá das folhas novas é aconselhado para curar dores de cabeça e várias doenças das mulheres. Tal chá serve para facilitar a menstruação e provocar o aborto. (...). Há pessoas que acreditam tanto nos efeitos do Guiné, apregoados pelos supersticiosos, que empregam as suas folhas um tanto secas para defumar as habitações, com o fim, dizem elas, de livrar da inveja, da cobiça e do mau olhado, principalmente no Sábado de Aleluia, havendo nesse dia grande procura dessa planta”.

O que Peckolt descreve como superstição ou charlatanismo são manifestações das pessoas que praticavam ou um sincretismo religioso ou religiões de matriz africana, ambas práticas muito perseguidas naquela época, inclusive consideradas fora da lei e sujeitas a repressão policial (somente após a Constituição de 1946 se conquistou uma liberdade religiosa plena para religiões de todas as matrizes).

A planta guiné-caboclo hoje se tornou mais rara, mas continua sendo utilizada nos rituais religiosos, onde é usada para os banhos de sacudimentos e seus ramos e folhas compõem os defumadores. A sua madeira continua sendo usada para fabricar figas contra o mau-olhado.

Um estudo etnobotânico feito por Alessandra Costa Magalhães e Rogério Ribeiro de Oliveira junto aos agricultores residentes em Vargem Grande, em 2008, demonstrou que continua vivo o legado cultural passado das gerações anteriores para essas famílias, que continuam cultivando em seus quintais plantas medicinais, alimentares, ornamentais, rituais e condimentares.

Entre as plantas ritualísticas citadas estavam a arruda (Ruta graveolens), a guiné piu-piu (Petiveria alliaceae) e a guiné-preto ou guiné-caboclo (Annona acutiflora) que é cultivada em quintais e também se encontra em quintais abandonados. A sua madeira ainda estava sendo comercializada em Madureira, em 2008, para serem usadas como bengalas por “pretos-velhos”.

Três anos antes deste estudo etnobotânico nascia o nosso Jornal Abaixo-assinado, que hoje completa 17 anos, defendendo a liberdade religiosa, a luta dos pequenos agricultores de Vargem Grande, a luta por moradia, por cultura e respeito aos moradores de todos os bairros da Baixada de Jacarepaguá.

No mesmo ano que nasceu o Jornal aparecia também o Renascer de Jacarepaguá, uma nova escola de samba, que abriu o desfile do grupo de acesso A, do carnaval carioca. Nós todos, colonistas e leitores, que ficamos dois anos sem carnaval, por conta da terrível pandemia da Covid-19, esperamos que neste ano a folia volte a brilhar, mesmo que fora de época.

Parabéns ao nosso Jornal por mais um ano de luta e de vida.

*Historiador e pesquisador da história carioca



Cíntia Travassos
Produtora

O grande artista da Zona Oeste Bruno Black

'Se tens um dom, seja'

Bruno Santos da Silva, mais conhecido como Bruno Black, nasceu em Niterói e mora atualmente em Realengo, Zona Oeste do Rio de Janeiro, na Comunidade do Fumacê. É poeta, produtor cultural, agente literário, educador social e apresentador do programa Xexelento da Peri. E ele sempre fala: "Eu sou carioca e sou".

Quando questionado em que momento se descobriu artista, ele diz, com total autonomia, que já nasceu artista, mas nunca imaginou que seria poeta e autor de 15 livros. Talvez outras coisas, sim!

Na infância, ele brincava de imitar os atores das novelas da Rede Globo no Brizolão do bairro onde mora, que era a sua área de lazer. Bruno Black acha que seu interesse pela arte veio principalmente dos seus pais, que o levavam ao teatro, cinema, circo etc.

A pandemia para ele não foi um problema, pois não parou de trabalhar. "Sou um artista híbrido, só não sabia que parte disso



Bruno Black e a ex-jogadora de vôlei Isabel Salgado marcando presença no projeto Favelivro significava estar em home office. Durante esse período, produziu muito. Criou novos projetos, escreveu, enfim, mesmo em casa, pintou o sete!

Bruno Black vive dos seus livros e da sua arte, e tem nove projetos rodando. Dentre eles, citou alguns como: Lançamento de 4 an-



Bruno Black e os artistas no seu programa Xexelento na Peri no último dia 07 na Cidade das Artes tologias. Se tens um dom, seja!, em parceria com Brunittos e Brunetts. Recentemente, lançou também um livro de poesia, #Tarja preta, e criou o programa virtual Tô com Bruno Black, oficina Literária Domdomdom, entre outros. O JAAJ, os amigos e artistas, consideram Bruno Black um dos artistas mais produtivos dos últimos dez anos na carioca do Brasil.

Instagram: @Brunoblackoficial

Site: <https://web.facebook.com/bruno.black.1232>

Projeto Reciclamos nas Vargens trabalha a favor da Natureza

Colunista Renato Cosentino*

O Projeto Reciclamos, iniciativa de Jorge Santos, liderança comunitária da comunidade de Taboinhas, vem buscando uma maior harmonia com a natureza na região das Vargens. Por meio da reciclagem de materiais descartados, o objetivo é criar um mercado solidário de troca por alimentos necessários do dia a dia, como pão, leite, legumes e etc.

"Queremos buscar o nosso alimento, matar a nossa fome, e ao mesmo tempo devolver um pouco de alívio para a natureza ao reciclar materiais que para ela faz tanto mal", disse Jorge, entre um carregamento e outro de garrafas pet e latas.

O Reciclamos quer também promover a conscientização sobre a necessidade de melhorar a situação do meio ambiente, num contexto de mudanças climáticas. Além de buscar o material para reciclagem, Jorge conversa com os moradores para diminuir a quantidade de lixo descartado e a possibilidade da utilização de embalagens retornáveis.

Por ser uma região turística, entre a floresta do maciço da Pedra Branca e a beleza natural das praias, as Vargens sofre com o lixo deixado para trás. A limpeza muitas vezes fica por conta de catadores e garimpeiros de lixo, que prestam um serviço para os moradores. Por isso, a possibilidade de formação de uma cooperativa não está descartada.

"Temos que atuar em várias frentes, ofertas de trabalhos e serviços na ideia de coletivos associativos e não no modelo padrão-empregado", explicou Jorge. "Precisamos dar dignidade a catadores e garimpeiros de lixo, um pouco de segurança, para saber que vamos comer e beber através de nosso trabalho, através de nossos esforços. É isso que queremos com o Reciclamos", finalizou.

Queremos agradecer a nossa colunista e liderança quilombola Maraci Soares por ter indicado o Projeto Reciclamos para ser notícia aqui no Jornal Abaixo-Assinado.

**professor e pesquisador*



Cadeia para quem abandonar seu animal de estimação

EM DEFESA DOS ANIMAIS

Vaneide Carmo

O índice de abandono e de recolhimento de animais no Brasil aumentou, em média, 60% entre julho de 2020 e o terceiro trimestre de 2021. A crise econômica e social exacerbou um problema antigo, que é a falta de responsabilidade das pessoas com os seus pets.

O abandono é realizado de maneira escondida, isto é, os cães e gatos são largados em espaços públicos. E esse comportamento, além dos maus-tratos, triplicou em todo

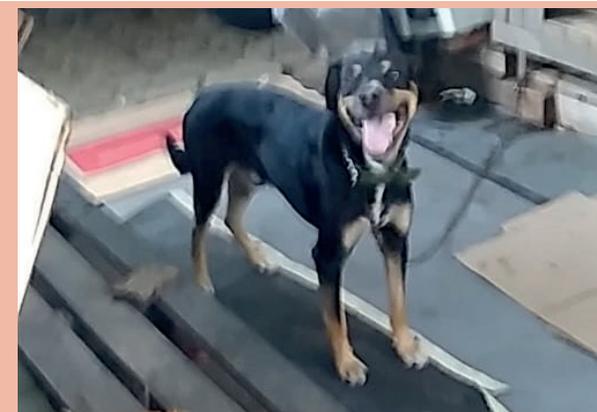
estado do Rio de Janeiro. As dificuldades cresceram muito no período da pandemia da Covid-19. Os abrigos da Prefeitura do Rio estão lotados.

Para que esta situação diminua, é fundamental uma ampla campanha de conscientização contra esses crimes. Fiscalização, conscientização, educação e leis são os remédios mais eficazes para diminuí-los.

É preciso intensificar o combate ao abandono de animais e aos maus-tratos, e exigir leis que garantam direitos aos bichos e seus tutores.

Cadeia é também um bom remédio.

Enfim, pressionar cada vez mais as prefeituras fluminenses para que não ignorem essa situação e desenvol-



vam políticas públicas de apoio às famílias nos cuidados com os animais neste momento de crise econômica, inflação alta, desemprego e aumento do custo de vida.

Adote! Não compre animais.

Os vínculos históricos entre Ucrânia e Brasil



Yakaré Upá Guá

Professor Val Costa - Texto

A madrugada do dia 24 de fevereiro marcou o início da invasão russa ao território ucraniano. Chamada oficialmente pelo Kremlin de "Operação Militar Especial no Donbass", esse conflito gerou uma comoção mundial, com milhares de mortos, muitos deles civis, além de cerca de 2,5 milhões de refugiados. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), 1,7 milhão foram para a Polônia, a Hungria foi o destino de 255.291 e a Romênia recebeu 80.000 ucranianos. A Campanha Humanitas Brasil-Ucrânia já cadastrou centenas de ucranianos que desejam buscar refúgio em nosso país.

O Brasil é a quarta maior colônia ucraniana do mundo, atrás apenas da própria Rússia, dos Estados Unidos e do Canadá. Em 1891, chegaram as primeiras 8 famílias ucranianas ao nosso território. Elas ficaram 45 dias no Rio de Janeiro e depois foram para o estado do Paraná, na Colônia de Santa Bárbara, no município de Palmeira. Posteriormente, entre 1895 e 1896, entraram no Brasil cerca de 5 mil agricultores ucranianos. Até o final da Primeira Guerra Mundial, chegaram mais 45 mil ucranianos ao nosso país; entre as duas grandes guerras, ingressaram aproximadamente 9 mil e após a Segunda Guerra, cerca de 7 mil.

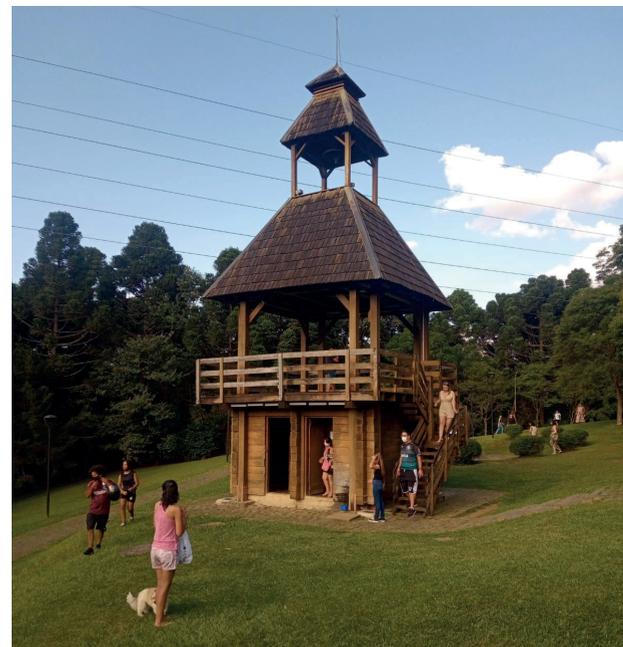
Atualmente, estima-se que 600 mil descendentes de ucranianos vivem no território brasileiro, 80% deles no estado do Paraná. A Representação Central Ucraniano-Brasileira, formada



Pêssanka gigante - Memorial Ucraniano

em 1985, congrega diversas entidades da colônia desse país do Leste Europeu dentro do Brasil, tais como: a Sociedade Ucraniana do Brasil, a Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, a Sociedade Unificação, a Associação da Juventude Ucraniano-Brasileira, a Igreja Ucraniana Católica no Brasil e a Igreja Ortodoxa Ucraniana no Brasil.

Os descendentes dos ucranianos preservam a cultura dos seus antepassados através da religião ortodoxa, dos famosos



Campanário - Memorial Ucraniano

bordados (vyshyvanka e rushnyky) e das pêssankas, ovos pintados à mão que simbolizam proteção e longevidade.

Em 1995, a prefeitura de Curitiba inaugurou o Memorial da Imigração Ucraniana no Parque Tingui. Ele possui um pórtico de entrada, um campanário, uma loja de souvenirs, uma pêssanka gigante e uma réplica da antiga capela de São Miguel da Serra do Tigre, construída originalmente no município de Mallet-PR.



Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá

Janis Cassilia, historiadora e professora da educação básica, membro do IHBAJA

A História de duas mulheres de Jacarepaguá Viva o 8 de março!

No dia 8 do mês de março comemora-se o dia internacional da mulher, data já tradicional nas comemorações brasileiras. O que pouco se fala é que a origem da data comemorativa nada tem a ver com a simples felicitação por ser mulher, mas sim com a luta de organizações femininas operárias pela igualdade civil, melhores condições de trabalho e fim do trabalho infantil nas fábricas. Desde o fim do século XIX, essas organizações se manifestavam em forma de greves e passeatas para promover suas reivindicações e chamar atenção pública. O 8 de março começou a ser comemorado como data definitiva de luta a partir do ano de 1917, com uma manifestação de aproximadamente 90 mil operárias contra a participação russa na primeira guerra mundial. A data foi oficializada em 1921.

No Brasil e no mundo, a luta feminina, que no início do século esteve atrelado às questões trabalhistas e de maior participação política, passou com o decorrer dos anos a englobar questões de nível social, da quebra do padrão esposa/mãe imposto pela sociedade e da igualdade de gêneros. Esses temas que perpassam também as questões raciais estavam presentes na vida e na luta mulheres como Nísia Floresta, Chiquinha Gonzaga, Maria da Penha, Tarsila do Amaral, Bertha Lutz, Elsa Soares e tantas outras. Excluídas ou sujeitos passivos na história tradicional, as mulheres e suas vozes tornaram-se agentes ativos e objetos de estudo na história mais recente.

Em Jacarepaguá, figuras femininas se destacaram na história local. Como simples moradoras, cantoras, artistas, benfeitoras ou administradoras, as mulheres de Jacarepaguá fizeram história. É o caso de Dalva de Oliveira e Stella do Patrocínio.

Apelidada de "o rouxinol brasileiro" e "rainha do rádio", Dalva de Oliveira foi uma grande cantora brasileira com uma voz excepcional que ia do contralto ao soprano. Nascida em 1917, na cidade de Rio Claro, Rio de Janeiro, morou em uma confortável casa na região de Praça Seca. Sua vida foi marcada pela quebra de vários estereótipos e padrões. Em 1936, passou a viver maritalmente com o também cantor Herivelto Martins, ainda casado na época. Eles tiveram dois filhos, e apesar de todo o sucesso, o romance entre eles terminou em 1947 devido às in-

meras traições de Herivelto. Nos anos 60, se casou pela terceira vez com Manuel Nuno Carpinteiro, vinte anos mais jovem.

Em 1965, ela sofreu um grave acidente de carro, que deixou 4 pessoas mortas. Foi então obrigada a abandonar a carreira por alguns anos. Ela retornou em 1970 com o seu maior sucesso "Bandeira Branca".

Dalva sofreu com os ataques machistas da sociedade brasileira. Das calúnias perpetuadas por seus ex-maridos, a perda da guarda de seus filhos, os ciúmes de homens pelo seu talento e carreira, e principalmente pelo julgamento da sociedade pelas atitudes corajosas ao seguir seu coração. Ela desenvolveu vícios em álcool e depressão. Simples e querida, suas músicas eram ouvidas por todos os cantos e tocadas nas rádios do Brasil. Suas músicas são registros impressionantes de sua força enquanto artista e indivíduo.

Dalva faleceu em 1972 devido a uma hemorragia interna causada por um câncer.

Stella do Patrocínio foi uma poetisa e artista brasileira, interna da Colônia Juliano Moreira desde 1966. Duplamente silenciada, enquanto mulher negra e doente mental, sua história, cheia de lacunas, foi preenchida pelos sua oratória.

Ela nasceu em 1941, no Rio de Janeiro, e trabalhou como empregada doméstica.

Em 1962 foi internada no Centro Psiquiátrico Pedro II, em Engenho Novo, sendo diagnosticada com esquizofrenia. Em 1966 foi transferida para Colônia Juliano Moreira. Deu entrada do núcleo Teixeira Brandão onde permaneceu até sua morte, em 1992.

Stella seria mais uma das internas "esquecidas" e institucionalizadas se, em 1986, não fossem os esforços de psicólogas e artistas do "Projeto de Livre Criação Artística" que reconheceram Stella do Patrocínio como poeta. O projeto estava inserido dentro da perspectiva da luta antimanicomial brasileira que criticava uma série de questões envolvendo saúde mental, psiquiatria, modelos asilares e outros. O projeto tinha como finalidade humanizar o espaço do núcleo psiquiátrico Teixeira Brandão e oferecer distração e psicoterapias para as internas.



Dalva de Oliveira

Stella do Patrocínio

Através da oratória (apelidado de falatório por Stella), realizava crítica ao ambiente da instituição psiquiátrica, da sua condição como sujeito psiquiatrizado e pela internação forçada. Sua fala era de resistência e subjetividade.

A história das mulheres no Brasil se apresenta como uma das mais ricas vertentes do passado histórico. Assim, como a vida de Dalva de Oliveira e Stella do Patrocínio, muitas outras mulheres estiveram na luta. Em Jacarepaguá a atuação de mulheres frente à movimentos sociais têm sido de vital importância para a conquistas de moradias, de qualidades de vida, ensino e saúde. E aqui citamos as sras. Miriam Mendonça, muito importante para a área cultural em Jacarepaguá, Jane, Cleonice e D. Penha da Vila Autódromo, Lúcia Cerqueira da Pastoral de Favelas, Jurema Constâncio da luta de moradias em Jacarepaguá, Maria Lúcia Mesquita e Gisele Mesquita do Quilombo Cafundá - Astrogilda, assim como a própria matriarca do Quilombo, d. Astrogilda, Alzira Almeida, Isaura dos Santos, Rosilane, Lúcia Helena mulheres e lideranças do Quilombo Camorim e tantas outras que lutam em diversas questões pela memória, história, moradia qualidade de vida e justiça em Jacarepaguá.

Olhar para o passado é uma das formas de compreender a situação no presente. Ainda que muito tenha sido percorrido, e conquistas importantes tenham sido concretizadas, um longo caminho ainda se mostra à frente. O feminicídio, os valores e padrões impostos, a desigualdade salarial e econômica tem provado que muitas questões continuam atuais. Celebremos Dalva e Stella, celebremos nossas contemporâneas e sigamos na luta.